

A partir de finais do século XVII, todos os antepassados de Pável Alekséevitch Kukótski, da parte do pai, eram médicos. O primeiro deles, Avdei Fiodorovitch, foi mencionado numa carta de Pedro, o *Grande*, escrita em 1698 para a cidade de Utrecht e endereçada ao Professor Frederik Ruysch, a cujas aulas de anatomia o imperador russo, sob o nome de Piotr Mikháilov, assistira um ano antes. O jovem monarca pediu-lhe que admitisse nos estudos, por razões «de vocação», um tal Avdei Kukótski, filho de um ajudante de farmácia. Donde provém o apelido dos Kukótski, isso não é conhecido com uma certeza absoluta, se bem que, de acordo com a lenda familiar, o seu antepassado Avdei fosse originário do lugarejo de Kukui em que, na época de Pedro, o *Grande*, foi construído o subúrbio Nemétskaia¹.

Desde então, o nome dos Kukótski aparece ora nos diplomas de condecoração, ora nas listas das escolas instituídas na Rússia de acordo com os Decretos de 1714. O serviço após os estudos nessas novas escolas abria à gente de «baixa extracção» o caminho para a fidalguia. Uma vez estabelecida a escala hierárquica das patentes, os Kukótski passaram a pertencer, e merecidamente, «à melhor fidalguia superior, em todas as qualidades e vantagens». Um dos Kukótski foi mencionado nas listas dos estudantes do doutor Johannes Erasmus de Estrasburgo, o primeiro médico da Europa Ocidental que leccionou na Rússia, entre outras disciplinas médicas, a «arte obstétrica».

Pável Alekséevitch, ainda em criança, começou a sentir um secreto interesse pela contextura de tudo o que era vivo. Às vezes — normalmente enquanto esperava pelo jantar, naquele espaço de tempo indefinido que não era preenchido por nada — conseguia introduzir-se à socapa no gabinete do pai e, com o coração desfalecido, tirava do armário sueco com pesados vidros de correr, da prateleira do meio, os três almeçados tomos da enciclopédia médica de Platen e acomodava-se com eles no chão, no cantinho acolhedor entre a saliência do fogão holandês e o armário. No fim de cada volume

havia figuras desdobráveis de um homem de bochechas rosadas e bigodinho preto, e de uma senhora muito decente mas bastante grávida com o útero escancarado para expor bem o feto. Era provável que, por causa desta figura tida simplesmente por toda a gente — nada a fazer! — como a de uma mulher nua, o rapaz ocultasse dos familiares os seus estudos, receando ser acusado de coisas feias.

Tal como as miúdas não se cansam de mudar a roupinha às bonecas, Pável passava horas a fio a compor e a descompor os modelos de cartolina do homem e dos seus órgãos. As pessoas de cartolina eram, a par e passo, despidas da indumentária da pele, dos estratos da saudável musculatura cor-de-rosa, tirava-se-lhes o fígado, a ramagem dos pulmões no tronco de traqueias elásticas e, por fim, desnudavam-se-lhes os ossos, pintados de um amarelo-escuro que lhes dava o aspecto de absolutamente mortos. Como se a morte nunca deixasse de estar escondida dentro do corpo humano e apenas à superfície a envolvesse a carne viva — nisto iria Pável Alekséevitch reflectir muito mais tarde.

Foi ali, no nicho entre o fogão e o armário dos livros, que o seu pai Aleksei Gavrílovitch o apanhou. Pável já se preparava para uma descasca, mas o pai, depois de olhar para ele do alto da sua enorme estatura, apenas sorriu e prometeu dar ao filho uma coisa bem melhor.

Passados alguns dias, o pai deu-lhe efectivamente uma coisa melhor — era o *Dell' Anatomia*, cópia de um códice de Leonardo da Vinci em dezoito folhas com duzentos e quarenta e cinco desenhos, editado por Sabáchnikov em Turim no final do século XIX. O livro era de um luxo extraordinário, tendo sido a sua tiragem de trezentos exemplares numerados à mão, e tinha uma dedicatória do próprio editor: Aleksei Gavrílovitch fizera uma cirurgia a alguém da família de Sabáchnikov...

Ao entregar o livro ao seu filho de dez anos, o pai disse:

— Toma, vê... Leonardo foi o primeiríssimo anatomista do seu tempo. Ninguém desenhava as peças anatómicas melhor do que ele.

O pai continuava a dizer mais qualquer coisa, mas Pável já não o ouvia. O livro, mal o abriu, inundou-lhe os olhos de uma luz deslumbrante. A perfeição do desenho era multiplicada pela incrível perfeição do objecto, fosse o braço, a perna ou o músculo tibial tricípite que Leonardo denominava, amigavelmente, «peixe».

— Aqui, em baixo, tens a história natural, a zoologia e a anatomia comparada. — Aleksei Gavrílovitch chamava a atenção do filho para as prateleiras de baixo. — Podes vir aqui e ler.

Pável passou no gabinete do pai as horas mais felizes da infância e da adolescência, admirando as espantosas articulações dos ossos, que asseguravam o processo polifásico de pronação e supinação, e emocionando-se quase

até às lágrimas ao estudar o esquema da evolução do aparelho circulatório, a partir de um simples tubinho com as finas inclusões de filamentos musculares da minhoca e até à maravilha de três tempos, o coração humano de quatro cavidades, ao lado do qual o móbil perpétuo parecia um exercício para os alunos mais fracos da escola. Aliás, o mundo terrestre em si afigurava-se-lhe como um grandioso móbil perpétuo a trabalhar com os próprios recursos que residiam no movimento latejante do vivo até ao morto, do morto até ao vivo.

O pai ofereceu a Pável um pequeno microscópio de cobre com ampliação quinquuplicada, e a partir de então todos os objectos que não pudessem ser estirados na lâmina de vidro deixaram de interessar ao rapazinho. Do mundo que não cabia no campo visual do microscópio apenas prestava atenção àquilo que coincidia com as espantosas imagens observadas através da binocular. Por exemplo, um ornamento da toalha de mesa atraía-lhe o olhar porque lhe lembrava a estrutura dos músculos estriados...

— Escuta, Eva — dizia Aleksei Gavrílovitch à mulher —, só tenho medo que o Pável não venha a ser médico, porque tem uma cabecinha de ouro... O melhor para ele é a ciência...

O próprio Aleksei Gavrílovitch passou a vida a cumprir o duplo fadário do trabalho pedagógico e da prática médica: era director da cátedra de medicina de campanha e não deixava de fazer operações cirúrgicas. No curto intervalo entre as duas guerras, a russo-nipónica e a Primeira Grande Guerra, trabalhou como um possesso, criando a escola moderna de medicina de campanha e, simultaneamente, tentando despertar a atenção do Ministério da Guerra para o facto, óbvio para ele, de que o conflito seguinte iria ter um carácter diferente e de que o novo século seria o das guerras de outra escala, de outras armas e de uma nova medicina de campanha. O sistema de hospitais de campanha, na opinião de Aleksei Gavrílovitch, tinha de ser revisto por completo, devendo centrar-se o maior esforço na rápida evacuação dos feridos e na criação de hospitais especializados e centralizados...

A guerra com a Alemanha começou mais cedo do que Aleksei Gavrílovitch tinha previsto. Partiu, como se dizia na altura, para o teatro de acção militar. Foi nomeado chefe daquela mesma comissão que ele, nos tempos de paz, exigira em vão. Agora não tinha mãos a medir porque a torrente de feridos era enorme, mas o seu projecto sobre os hospitais especializados não passara do papel: antes da guerra não tivera tempo de derrubar os muros burocráticos.

Depois de um assanhado conflito com o Ministério da Guerra, abandonou a própria comissão e ficou a chefiar apenas os hospitais móveis. As salas de operações sobre rodas, montadas em carruagens Pullman, recuavam juntamente com o incapacitado exército através da Galícia e da Ucrânia. No início do ano de 1917, um projectil de artilharia acertou na carruagem da cirurgia, e

Aleksei Gavrílovitch morreu juntamente com o seu paciente do momento e a enfermeira.

No mesmo ano, Pável entrou na faculdade de medicina da Universidade de Moscovo. No ano seguinte foi expulso porque o pai tinha sido, nada mais, nada menos, coronel do exército czarista. Passado mais um ano, por solicitação do professor catedrático Kalíntsev, velho amigo do pai e director da cátedra de obstetrícia e ginecologia, Pável foi readmitido no curso. Kalíntsev levou-o para a sua cátedra, assumiu o risco de o proteger.

Pável estudou com a mesma paixão com que um jogador joga e um bêbedo bebe. A sua obsessão nos estudos criou-lhe a reputação de «tipo esquisito». Diferentemente da mãe, senhora mimada e caprichosa, quase não reparava nas privações materiais. Para ele, depois da morte do pai parecia impossível perder mais.

No início de 1920, os Kukótski foram expropriados da maior parte da casa — alojaram nela mais três famílias, deixando para a viúva e o filho o antigo gabinete do falecido. O corpo docente da universidade, que a grande custo ia sobrevivendo sob o novo poder político, não os podia ajudar, até porque também sofria repressões sensíveis e erguia-se bem vivo o medo da revolução: os bolcheviques já haviam demonstrado que para eles a vida humana, pela qual estavam habituados a lutar esses *putrefactos intelectuais*, não valia um chavo.

Eva Kazimierovna, mãe de Pável, era afeiçoada aos seus bens e poupada. Atulhou a sala com quase todos os móveis da família, as loiças e as roupas de Varsóvia. O respeitável gabinete do pai, outrora espaçoso e prático, converteu-se numa espécie de armazém e, por mais que Pável pedisse à mãe que alijasse os trastes a mais para desanuviar o espaço, esta apenas chorava e abanava a cabeça: eram as últimas coisas que lhe restavam da vida antiga. Não obstante, as necessidades obrigavam-na a vender e, aos poucos, foi levando para a praça o enorme conteúdo dos baús — calçado, colarinhos, guardanapos, molhando cada ninharia com as lágrimas da despedida...

A relação entre mãe e filho esfriou, deteriorou-se e, um ano depois, quando a mãe se casou com Filipp Ivánovitch Lévcin, um pequeno administrador nos caminhos-de-ferro indecentemente jovem, Pável saiu de casa, reservando para si o direito de ter acesso à biblioteca do pai.

Contudo, raras vezes arranjava tempo para visitar a casa da mãe. Estudava, trabalhava numa clínica, fazia muitos turnos e dormia onde calhava, sobretudo na rouparia do hospital, abrigado pela velha roupeira que tinha conhecido não só o pai de Pável, mas também o avô...

Pável já tinha vinte e um anos quando a mãe teve mais um filho. O filho adulto desmascarava a idade dela, e Eva Kazimierovna, desejosa de passar por uma mulher jovem, sofria. Deu a entender a Pável que a sua presença em casa era inconveniente.

A partir de então cortaram relações.

Passado algum tempo, a faculdade de medicina separou-se da universidade, aconteceram mudanças na sua direcção. O professor Kalíntsev morreu, o seu cargo foi ocupado por outro homem, promovido pelo partido e sem qualquer renome científico. Por mais estranho que pareça, mostrou-se benevolente em relação a Pável, deixou-o fazer o mestrado na sua cátedra. O nome dos Kukótski, no mundo médico, não era menos conhecido que os nomes Pirogov e Bótkin.

O primeiro trabalho científico de Pável incidiu sobre determinadas anomalias dos vasos sanguíneos que provocavam abortos espontâneos no quinto mês de gravidez. As anomalias diziam respeito aos vasos capilares mais pequenos e interessavam a Pável porque, naquela altura, andava entusiasmado com a ideia de interferir nos processos das áreas periféricas dos sistemas circulatório e nervoso, achando que era mais fácil controlar estes processos do que as áreas mais elevadas. Como todos os seus colegas mestrando, Pável tinha pacientes no hospital e, duas vezes por semana, fazia consultas na policlínica.

Foi precisamente naquele ano que Pável, numa consulta, ao examinar uma mulher que sofria de abortos habituais no quarto ou quinto mês de gravidez, descobriu que *estava a ver* um tumor no estômago com metástases — uma muito nítida no fígado e outra fraquinha no mediastino. Não violou o ritual do exame da doente, mas encaminhou-a para o cirurgião. Depois, ficou muito tempo sentado no consultório sem chamar a paciente seguinte e tentando perceber o que lhe tinha acontecido, donde surgira aquele quadro esquemático e a cores do cancro numa fase avançada...

Foi nesse dia que o dom estranho mas útil despertou em Pável Alekséevitch. Para si próprio, denominava-o de «intravisão» e, nos primeiros anos, ia fazendo perguntas aos colegas, cautelosamente, para descobrir se alguém mais possuía semelhante capacidade, mas não descobriu qualquer pista.

Com a passagem dos anos, a sua visão interior consolidou-se, adquiriu um alto poder de resolução. Em certas ocasiões, chegava a distinguir as estruturas celulares que pareciam tingidas com hematoxilina de Ehrlich. As formações malignas eram intensamente matizadas de lilacíneo, as áreas de proliferação activa tremeluziam com rubra granulação fina... Vía o embrião, desde os primeiros dias da gravidez, como uma nuvenzinha azul-clara e luminosa...

Por vezes passavam-se dias e semanas em que a sua «intravisão» desaparecia. Pável Alekséevitch continuava a trabalhar: consultava as doentes, fazia operações. O sentimento de segurança profissional não o abandonava, mas no fundo da alma surgia-lhe uma fina inquietude. O jovem doutor era, obviamente, materialista, não suportava o misticismo. Ele e o pai sempre